

Entrevista a Jacques Vissoky, médico-tradutor brasileiro*

Rosário Durão**

Jacques Vissoky é médico e tradutor. Foi laureado com o Prêmio União Latina de Tradução Científica e Técnica 2003, em parceria com a CBL-Câmara Brasileira do Livro, pela versão da obra *Princípios AO do Tratamento de Fraturas*, de Thomas W. Rüedi e W. M. Murphy.

Rosário Durão: *O Jacques foi galardoado com o Prémio de Tradução Científica e Técnica. Esperava receber o prémio? Como surgiu a tradução dessa obra?, foi uma iniciativa sua ou uma proposta da editora? Quanto tempo demorou a traduzir obra? Que método adoptou para a sua tradução?*

Jacques Vissoky: O *Manual AO*, que me rendeu a premiação inédita nos círculos literários nacionais, foi entregue durante a II Bienal do Livro no Rio de Janeiro, em maio de 2003. A obra me foi oferecida pela Editora Artmed, solicitando a tradução e a revisão técnica em torno de quatro a cinco meses para ser completada.

A notícia da premiação foi uma surpresa muito agradável, porque o trabalho de tradução médica no Brasil ainda é incipiente, exercido de forma bissexta e descontinuada por muitas pessoas. Como todo trabalho de cunho intelectual, o respectivo pagamento também deixa algo a desejar.

O método de trabalho, então, baseava-se simplesmente em abrir o livro (ou sua cópia) ao lado do monitor (ecrã) do computador, e digitar o texto.

R. D.: *Que funções desempenha no hospital? Que outras actividades médicas exerce?*

J. V.: Por causa das inúmeras atividades exercidas, tive que me afastar do hospital... na verdade, alguma coisa devia ser cortada no dia-a-dia, e a escolha recaiu sobre o trabalho hospitalar e as cirurgias. Mas minhas atividades médicas na urgência de traumatologia já exigem bastantes horas, com uma média aproximada de 150 pacientes de trauma musculoesquelético por semana.

R. D.: *Conta com várias traduções no seu currículo. Como é que a tradução surgiu no seu percurso de médico? Alguma vez pensou em ser tradutor a tempo inteiro?*

J. V.: Como já mencionei, as traduções já ocupam, no mínimo, 50% do tempo que dedico ao trabalho. Talvez, quando

me aposentar do serviço público, possa me dedicar somente às traduções.

R. D.: *Quando escolhe os textos para traduzir, selecciona apenas os que se encontram no seu âmbito de especialidade? Porquê?*

J. V.: Embora eu seja mais conhecido nessas especialidades, também traduzo e faço versões de textos de outras áreas da medicina.

R. D.: *Alguma vez recebeu traduções do hospital onde trabalha? Há algumas diferenças entre os textos «para consumo interno» e os restantes?*

J. V.: Algumas vezes, tive que fazer traduções «para ontem», para apresentações entre os residentes. Isso, obviamente, era feito de forma mais rápida, sem o cuidado com o rigor ortográfico e semântico necessários a um trabalho mais elaborado.

R. D.: *Já pensou em traduzir textos para português europeu? Por que motivo?*

J. V.: Por causa das particularidades e diferenças entre o português europeu e o brasileiro, prefiro abster-me de traduzir textos exclusivamente para o português europeu.

R. D.: *Quem são os principais clientes dos médicos tradutores/tradutores de medicina? Quais são as principais línguas de partida? Quais são os critérios das editoras para a tradução de obras de medicina?*

J. V.: Os principais clientes são as próprias editoras, que representam um fluxo contínuo de trabalhos, principalmente do inglês para o português.

Eu também leio em espanhol e francês, mas não tenho tempo (nem vontade) de traduzir nesses idiomas.

Os principais critérios das editoras são a rentabilidade da obra, obviamente, e a possibilidade de seu uso multidisciplinar (por exemplo, livros que possam ser usados em medicina, fisioterapia, terapia ocupacional, etc.).

R. D.: *O que prefere traduzir: obras científicas ou textos para os doentes? Que cuidados tem/teria neste caso?*

* Este artigo é publicado simultaneamente nas revistas *Panace@: Boletín de Medicina y Traducción* (<<http://www.tremedica.org/panacea.html>>) *Confluências: Revista de Tradução Científica e Técnica* (<www.unilat.org/dtil/confluencias/index.htm>), por acordo entre ambas as publicações.
** Directora de *Confluências: Revista de Tradução Científica e Técnica*. Universidade Aberta, Lisboa (Portugal). Endereço para correspondência: confluencias@confluencias.net.

J. V.: Tenho mais intimidade com as obras científicas. Os textos para os doentes, atualmente, podem ser traduzidos até com tradutores automáticos.

R. D.: *As traduções que circulam nos hospitais são satisfatórias?*

J. V.: Em geral, as traduções que ficam «no bolso» são mais precárias. Ainda assim, eventualmente, podem-se encontrar traduções de melhor qualidade.

R. D.: *Que problemas levanta a tradução de textos de medicina? Costuma escrever sobre tradução?*

J. V.: Talvez o principal problema seja que muitas vezes o profissional da área médica é extremamente competente como médico, mas tem dificuldades importantes nas técnicas de redação e na seleção semântica, o que torna o trabalho do tradutor mais difícil e faz, muitas vezes, com que o tradutor se sinta um «traidor» em nome da clareza.

R. D.: *O que é para si um médico-tradutor? Que conhecimentos e competências deve ele, ou ela, ter? Deve procurar formação complementar para além da medicina?*

J. V.: O arcabouço cultural é básico. É impossível traduzir ou fazer a versão sem que o profissional tenha já uma «milhagem» literária como leitor. Além disso, é imprescindível que o tradutor faça cursos regulares de atualização na sua língua materna.

R. D.: *Curiosamente, os prémios de tradução científica e técnica costumam ser atribuídos a especialistas. Concorda que só os médicos podem ser bons tradutores de medicina?*

J. V.: Absolutamente não. O que acontece, é que os melhores tradutores de poesia são os poetas; logo, talvez os especialistas-tradutores tenham mais facilidade de lidar com os meandros do conhecimento técnico.

R. D.: *Que formação deve ter um tradutor que se queira dedicar à tradução na área da medicina? Há programas de formação neste campo no Brasil?*

J. V.: Que eu saiba, não há nenhum programa oficial de formação de tradutores médicos no Brasil. Não é imprescindível, mas a formação na área biomédica ajuda muito, em função do jargão técnico específico.

R. D.: *Quais são as vantagens e desvantagens dos médicos-tradutores e dos tradutores de medicina?*

J. V.: Como são muito poucos os médicos-tradutores que se dedicam de forma (quase) integral a tal tarefa, há pouco intercâmbio. Por outro lado, aos tradutores não médicos das ciências de saúde tampouco lhe são oferecidos cursos de atualização ou até de formação específica.

R. D.: *Quando lê uma tradução, o que é para si mais importante, a precisão terminológica ou a correção linguística? Ou considera ambas igualmente importantes?*

J. V.: A tradução é o discurso do autor. O tênue limite entre o conhecimento técnico e a adequação ortográfica e linguística é uma espada de Dâmoques que está sempre a pairar sobre a cabeça do tradutor...

R. D.: *Alguma vez pensou em dar aulas de tradução? Como desenharia uma cadeira de tradução de medicina e por que razão?*

J. V.: Eu me sentiria muito honrado em dar aulas de tradução. Infelizmente, ainda não fui convidado para tal. O desenho curricular de uma cadeira de tradução de medicina certamente teria que incluir uma introdução às temáticas básicas da área de biociências, oportunizando a intimidade necessária com os termos biomédicos que têm, muitas vezes, mais de um sentido.

R. D.: *Que peso tem a tradução no universo editorial de medicina em língua portuguesa em geral, e na vertente brasileira em particular?*

J. V.: Além de fazer, de forma contínua, as traduções para a editora, já há algum tempo sou responsável pela versão inglesa da *Revista Brasileira de Ortopedia*, além de ser o tradutor oficial do *Journal of American Academy of the Orthopaedic Surgeons*. Embora se exija muito do médico em termos de conhecimentos técnicos, há uma enorme carência de médicos que sejam efetivamente bi- ou trilingües. Assim, o mercado para livros traduzidos em português é muito amplo.

R. D.: *Considera que o Brasil tem uma política para a tradução científica e técnica, e sobretudo de medicina? Há alguma coisa que lhe parece urgente fazer?*

J. V.: Não há nenhuma política oficial voltada para o setor de tradução científica e técnica, sobretudo na medicina. Isso é confirmado pela ausência de padronização dos termos. Uma exceção seria a terminologia anatômica, que já tem uma espécie de «jurisprudência» firmada entre as editoras. O mais urgente, definitivamente, seria a uniformização das terminologias.

R. D.: *Como estamos de ferramentas, em papel e formato electrónico, para a tradução de medicina para português? Poderia mencionar algumas?*

J. V.: Decididamente, as coisas estão muito melhores do que há dez anos atrás. Há programas de auxílio ao tradutor — exemplo, o Trados e o Wordfast, que segmentam o texto, facilitando o trabalho, bem como tradutores eletrônicos como o Delta Translator, na minha opinião, o melhor tradutor eletrônico atual, além de dicionários eletrônicos.

R. D.: *Que conselhos daria aos jovens e menos jovens tradutores desta área?*

J. V.: Persistência, leitura e muito estudo. A dedicação é fundamental, assim como o amor pela arte das palavras.

R. D.: *Gostaria de acrescentar mais alguma coisa?*

J. V.: Não existe tradutor que não seja escritor já que, muitas vezes, os tradutores têm que reescrever um texto. E a tradução é uma forma menos compromissada de escrever, sob o manto do autor original, isentando-se em parte da responsabilidade pelo conteúdo...

R. D.: *Muito obrigada, Jacques.*

Jacques Vissoky: breves notas autobiográficas



Jacques Vissoky

Eu nasci no dia 1º de agosto de 1961, em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, o estado mais meridional do Brasil. Como meu pai era médico, e minha mãe professora e jornalista, desde cedo me interessei pelo estudo de línguas estrangeiras e pelas leituras. A proximidade com o Uruguai e a Argentina proporcionou-me a oportunidade de visitar esses países ainda criança, desenvolvendo o gosto pela língua e pela cultura estrangeiras, o que também me despertou a vontade de saber novos idiomas.

Adolescente, fui estudar por quase um ano nos Estados Unidos. Naquela época, não havia Internet nem globalização e uma ligação telefônica somente se dava por intermédio de uma telefonista, com um retardo de vários minutos. Morei no estado de Minnesota, onde fiz a última série do Ensino Médio (High School).

Ao regressar ao Brasil, retomei os estudos para, no ano seguinte, ingressar na Faculdade de Medicina. Já naquela época, traduzia as minhas músicas favoritas do inglês para o português, para o deleite da minha turma.

Formei-me em 1985 e ingressei na Residência Médica em Ortopedia e Traumatologia. No segundo ano de residência (nessa especialidade, são três anos), tive a oportunidade de ir para a Inglaterra, para um estágio de dois meses. Ao final desses dois meses, retornei ao Brasil e, para minha surpresa, fui contactado pela então Editora Artes Médicas (atualmente Editora Artmed) para iniciar um trabalho como free-lancer de tradutor de livros na área.

O começo foi tímido e tecnicamente demandante (escrevendo ou datilografando laudas, errando, datilografando novamente, errando novamente, usando corretor). Entretanto, o primeiro livro ficou pronto. Depois, o segundo. Voltei, então (já casado, mas sem filhos ainda), para a Inglaterra, acompanhado de Ana Maria, minha esposa, lá permanecendo por aproximadamente dois anos, onde cursei o equivalente a um mestrado.

Novamente no Brasil, em 1992, enquanto prestava serviço militar como oficial médico, fui novamente contactado pela Editora Artes Médicas para reiniciar os trabalhos de tradução e revisão técnica.

Nesse momento, já «alfabetizado» em informática, recomecei a trabalhar com uma «magnífica» máquina com processador 286, 2 MB de memória, e um «cavernoso» HD de 45 MB, que rodava — sem travamentos — o saudosos sistema operacional DOS 5.0.

O computador foi evoluindo, e a demanda de trabalhos também. Assim, fui progressivamente sendo absorvido pela carga de trabalho de tradução, onde fui me firmando como um nome de destaque da área. Das dezenas de livros já traduzidos e/ou revisados, eu destacaria o Atlas de Anatomia de Netter, um clássico mundial da literatura médica em ciência básica.

Um outro marco na minha carreira foi a tradução oficial, comissionada pelo Centers for Disease Control and Prevention, de Atlanta, nos Estados Unidos, do *software* EPIINFO, o programa de cópia livre na área de epidemiologia mais difundido no mundo.

Paralelamente às traduções, ainda tive tempo de aproveitar um curso de extensão que me foi oferecido, em 2002, pelo Center for AIDS Prevention Studies da University of California at San Francisco na área de Métodos de Pesquisa Clínica, tornando-me um orientador e multiplicador brasileiro dos cursos da área.

Atualmente, trabalho meio-período em um serviço público de atendimento traumatológico de urgência. O resto do tempo é dedicado a traduções, aulas de metodologia de pesquisa clínica, e perícias judiciais na área de ortopedia e traumatologia. Mesmo assim, acho que ainda consigo ser um pai atuante para o Alexandre, que tem 11 anos, e o Leonardo de 8 anos que, com Ana Maria, ainda têm a chance de degustar os jantares que eu mesmo preparo, quando me transformo em chef. Além disso, ainda encontro tempo para passear com o Sammy, nosso poodle, e fazer afagos no Max, um gato da raça sagrada da Birmânia.